

# As cores da cidade submersa:

## O turismo verde que assombra florestas e corais de João Pessoa

Ao lançar um olhar sobre a falésia do Cabo Branco, Ponta do Seixas e Jacarapé, percebemos os vestígios do Antropoceno e da Grande Aceleração nesse pequeno e situado recorte da cidade de João Pessoa. Podemos apreender os monstros e a inevitável simbiose de humanos e não humanos e tentar descobrir os fantasmas, aquilo que não podemos mais ver ou o que escolhemos esquecer, através das lentes de Anna Tsing *et al* (2017)<sup>1</sup>.

À medida que os humanos remodelam a paisagem, esquecemos o que havia antes, mas os fantasmas nos fazem lembrar através de seus vestígios. Podemos nos esquecer dos 190 hectares a menos de floresta nativa onde estão os prédios da Estação Ciência e do Centro de Convenções, mas estamos sendo assombrados com o aumento da temperatura global e a erosão acelerada da falésia local, sem falar da perda da diversidade da fauna e flora – em nome do “desenvolvimento” do turismo.

E para a Mata Atlântica que ainda resta, temos outra ameaça: serão mais 221 hectares desmatados para a implantação de um Distrito de Turismo e a construção de oito resorts próximos ao Centro de Convenções<sup>2</sup>, sobre outra falésia no meio de uma unidade de conservação, o Parque das Trilhas, já estrategicamente demarcado e cercado pelas leis urbanísticas para incentivar a destruição ao seu redor – em nome do “desenvolvimento” do turismo.

Como nos diz Ana Tsing *et al* (2017),

“Nossa era de destruição humana treinou nossos olhos apenas nas promessas imediatas de poder e lucros. Essa recusa do passado e até do presente nos condenará a continuar sujando nossos próprios ninhos” (p.15)

“Estamos dispostos a transformar as coisas em escombros, destruir atmosferas, vender espécies companheiras em troca de mundos de sonhos de progresso” (p.15)

As propostas de expansão do turismo ditadas pelo governo tentam nos convencer da idéia de sustentabilidade e desenvolvimento econômico da cidade para permitir que funcionários públicos e proprietários privados continuem com seu projeto de devastação.

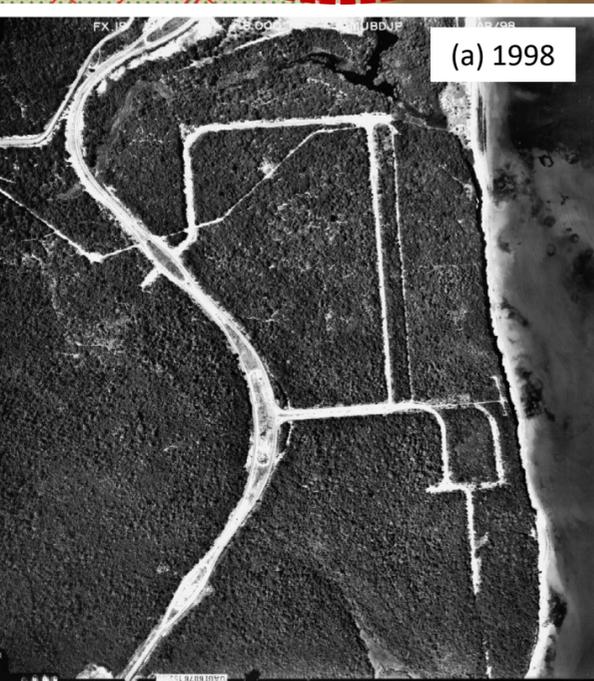
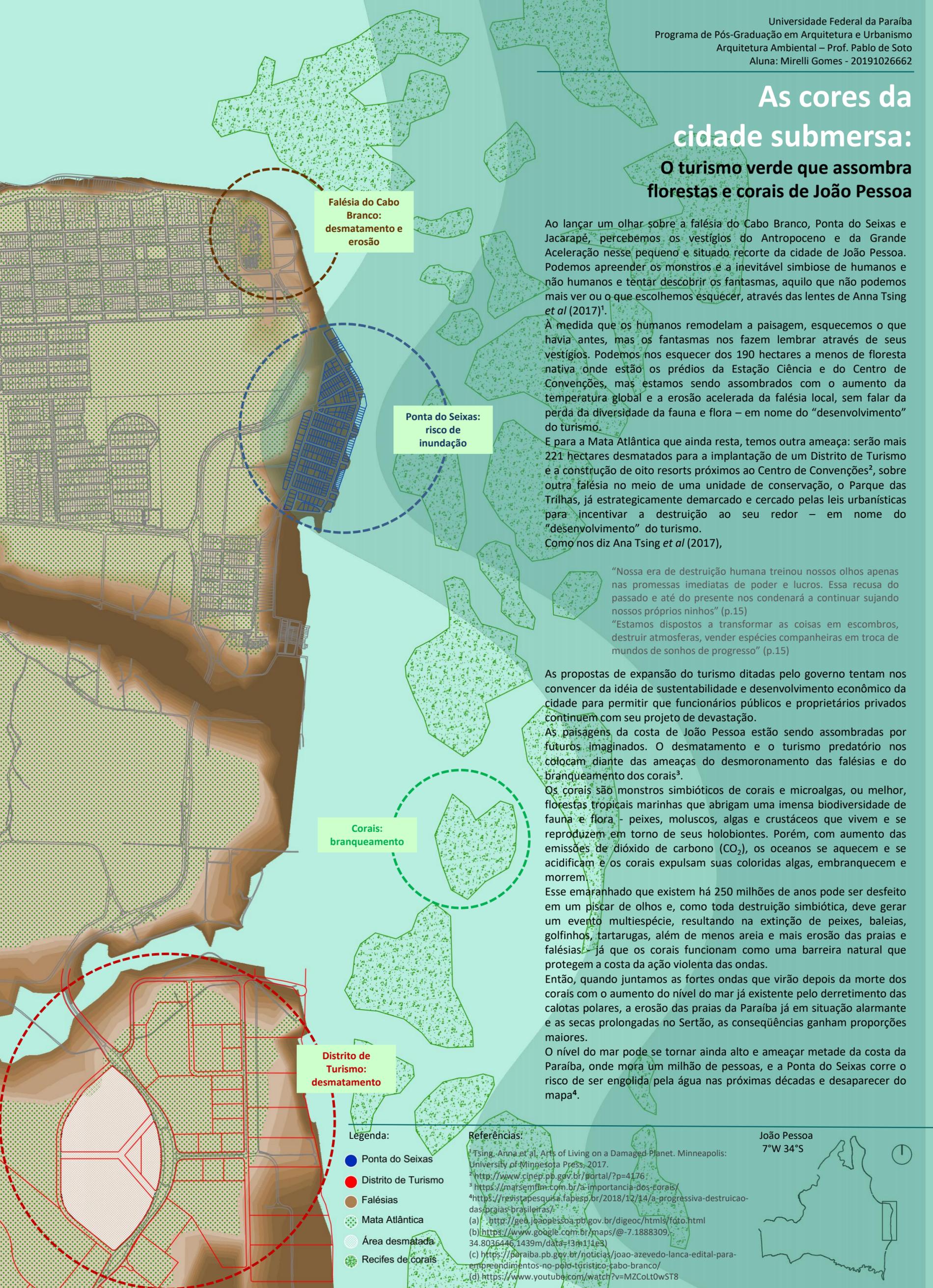
As paisagens da costa de João Pessoa estão sendo assombradas por futuros imaginados. O desmatamento e o turismo predatório nos colocam diante das ameaças do desmoronamento das falésias e do branqueamento dos corais<sup>3</sup>.

Os corais são monstros simbióticos de corais e microalgas, ou melhor, florestas tropicais marinhas que abrigam uma imensa biodiversidade de fauna e flora - peixes, moluscos, algas e crustáceos que vivem e se reproduzem em torno de seus holobiontes. Porém, com aumento das emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), os oceanos se aquecem e se acidificam e os corais expulsam suas coloridas algas, embranquecem e morrem.

Esse emaranhado que existem há 250 milhões de anos pode ser desfeito em um piscar de olhos e, como toda destruição simbiótica, deve gerar um evento multiespécie, resultando na extinção de peixes, baleias, golfinhos, tartarugas, além de menos areia e mais erosão das praias e falésias – já que os corais funcionam como uma barreira natural que protegem a costa da ação violenta das ondas.

Então, quando juntamos as fortes ondas que virão depois da morte dos corais com o aumento do nível do mar já existente pelo derretimento das calotas polares, a erosão das praias da Paraíba já em situação alarmante e as secas prolongadas no Sertão, as conseqüências ganham proporções maiores.

O nível do mar pode se tornar ainda alto e ameaçar metade da costa da Paraíba, onde mora um milhão de pessoas, e a Ponta do Seixas corre o risco de ser engolida pela água nas próximas décadas e desaparecer do mapa<sup>4</sup>.



(a) 1998



(b) 2019



(c) 2019



(d) 2022